

A TRIBUNA

JORNAL DEDICADO AOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA

Assignatura mensal 1/000

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. avulso 250 reis.

ANNO III.

CUIABÁ 20 DE JANEIRO DE 1897.

N. 63

RESENHA DA SEMANA

Opposição acertada.—

Fomos informados de que os habitantes da freguesia de Pedro II, tendo sciencia no dia 18 do corrente, de querer o medico Dr. Barros, que se acha de outro lado do rio Cuyabá, ainda adoentado do cholera, atravessar e recolher-se á esta cidade, sem estar completamente restabelecido da grave molestia de que foi acommettido em serviço n'aquelle lugar, reunirão-se na barranca do rio e oppuserão-se a vinda de mesmo Dr.

Achamos muito acertado este procedimento dos dignos habitantes, pois que a menor condescendencia ou fraqueza trará tristes e amargosas consequências á elles e a nós, que graças a Providencia Divina ainda não fomos victimas da epidemia.

Na occasião da occorrença consta-nos estava presente o Dr. Inspector da Hygiene publica que trouxe o facto ao conhecimento de S. Ex.^a o Sr. Dr. Presidente da Provincia, ordenando este, por sua presidencial clemencia, que o doente ficasse mais tres dias de quarentena no lugar em que estava e que depois podia recolher-se á sua casa nesta cidade.

Esta permissão de S. Ex.^a é para nós uma imprudencia que pôde ainda nos ser fatal e assim infelizmente acontecendo será S. Ex.^a o unico responsavel pelas desgraças que della sobrevierem.

Os dias ainda serão poucos para o illustrado medico aguardar alli a sua entrada nesta capital.

S. Ex.^a parece-nos não estar satisfeito da carga que lhe fazem de que foi S. Ex.^a quem importou o flagello nesta provincia, e, no mesmo proposito de dar serviço aos curiós, camas, colchões, &c, que tem anticipada e desnecessariamente feito comprar para a enfermaria que está montando, pretendo sem duvida fazer effectiva a peste entre nós!

Ora, sr. Dr. Rodolpho, desculpe-nos, erie mais juizo e tenha alguma compaixão dos seus administrados!

Festa do Rosario.—Com a solemnidade e esplendor devidos ao culto divino, teve lugar a 16 do corrente, na igreja do Rosario, a missa e procissão da Virgem Senhora da mesma invocação.

Limpesa da cidade.—Graças ao visionario estado em que vivamos, esperando, si é possível, a visita a todo o momento da epidemia que muito ha preocupado o es-

pírito publico, tem a policia (?) e não a camara municipal (!) providenciado sobre o assalo e saneamento da cidade.

Louvamos a policia por ter tomado á si, como nos informão, tão importante incumbencia.

Procissão de S. Sebastião.—Depois da missa do costume, percorrerá hoje as ruas desta cidade, as 11 horas da manhã a procissão de S. Sebastião, advogado contra a peste.

Chinfrim da policia.—Fomos informados que na noite de 16 do corrente na rua do Babá, fez a policia grande chinfrinada.

Eis o caso:

O cidadão José Marques de Souza, juiz da festa de Nossa Senhora do Rosario, em regosijo e como complemento da mesma, deu n'uma casa em frente a sua um baile aos seus amigos e convidado.

Um soldado da policia, certamente amigo do Bacho, de vez em sempre chegava a porta da casa do dito baile e podia á um servente que o servisse com um copo de bebida no que era satisfeito; eis senão quando, o Sr. Marques o despede, e a praça de policia não tendo mais a seu serviço o tal servente para saciar-lhe a garganta muito ressecada, ferrou confito, e com outro seu companheiro, espaldeirou aquelle que tanto o hospedou!

Nos conflictos, como é de costume, ha sempre grande voseria e algumas pessoas que estavam dansando forão ver o que havia e depararão com os dois policiaes em luta com o servente que crime algum havia praticado, a não se o de impossibilidade de servil-os como antes das apoteosidas bebidas.

Reflexionadas as duas praças de policia por aquellas pessoas de que commet-

tão um abuso em espaldeirar e prender o dito servente, que como dissemos, nem, nenhum crime havia commettido, soltarão ellas o paciente e derão tudo por acabado.

Mas no final do baile, qual não foi a surpresa do Sr. Marques e dos demais circunstantes, vendo o Sr. Dr. Chefe de Policia com um exercito da dita, commandado por um official de espada em punho, como quem assalta um quilombo, cercou a porta e janellas e deu voz de prisão aos que compunham aquelle pacifico divertimento, sem razão alguma para assim proceder!

O Sr. Marques foi logo chamado pelo Sr. Dr. Chefe, por ser o dono da festa e S. S. não duvidou, firmado na sua posição autoritaria, dizer-lhe palavras pesadas e inconvenientes sem ter motivos para isso chegando mesmo ameaçá-lo com prisão e assim todos que alli se achavam.

Isto é o que se passou, e vai conformar a informação que nos ministrarão.

Agora resta nos saber que papel representou a policia assim procedendo?

O Sr. Dr. Chefe deve saber que ninguém pôde ser preso sem commetter crime; que ninguém pôde ser preso a não ser em flagrante delicto, ou senão depois da culpa formada, e finalmente que a policia não pôde invadir a casa de um cidadão que é inviolavel pela constituição, salvo em casos excepcionaes e previsto pela lei. E como fez toda essa chufirada, baseado talvez unicamente em falsas informações de seus soldados?

Isto depõem muito contra a moralidade da sua administração policial e nós pedimos a S. S. mais prudencia em caso analogo; pois que este outro qualificativo não nos merece, sinão o de pura chufirada policial!

A policia é para velar a ordem publica e não para alteral-a.

O baile sendo feito com decencia por um homem pobre ou favorecido da fortuna, é sempre baile, e a autoridade, seja ella qual for, não tem o direito de embarçal-o ou anarchisal-o.

Excerto de uma desastrosa de um usurario.—Lê-se no—
CRUZEIRO—de Baturité:

Um homem extremamente avaro e usurario, vendo-se proximo á morte, chamou o confessor, o tabellão e as testemunhas necessarias, e dictou a sua ultima vontade n'estes termos: «Dou o meu corpo á terra, de qua sahi e

a minha alma ao demonio, a quem pertence.

—«Mas que dizeis?!» exclamam os amigos, que se achavam presentes. Porém elle persistindo em sua desesperação, repete: «Sim, entrego a minha alma ao demonio, pois adquiri os meus bens com usuras e meios illicitos.—Mas que dizeis?!» repetem todos. —Escrevei: entrego a alma de minha mulher ao demonio, pois nunca me foi á mão, nem me exhortou a deixar as usuras, para que assim sustentasse o luxo e a vaidade. —Porém, meu pae, que dizeis?!» exclamam os filhos. —Escrevei ainda, continua o moribundo Entrego a alma de meus filhos ao demonio, porque me induziram a commeter tantas injustiças e agenciaram as minhas fraudes e usuras, para que lhes ficasse maior herança.—Mas, senhor, disse o confessor, olhe que está a ponto de comparecer diante de Deus.—Não importa; escrevei ainda; Deixo a alma de meu confessor ao demonio, pois longo de me negar a absolvição, dissimula as minhas usuras, tantos annos sem me obrigar a restituir.—Apenas pronunciou estas terriveis palavras, exhalou a sua alma detestavel, e expirou com o horror da desesperação.

COMMUNICADO

Sob a pressão do terror pela visão da terrivel enfermidade que nos ameaça, do luto e da dor que nos aguarda si ella nes-

ta capital penetrar, e, sem querermos augmentar a afflicção ao afflicto, vamos dizer mais duas palavras à S. Ex.ª o Sr. Dr. Presidente da Provincia alem d'algumas que já temos dito, no sentido de ficar bem claro o que a respeito pensamos, e como nós muitos dos habitantes desta cidade.

E' hoje, o que parece-nos, facto elucidado; que o cholera se introduziu na provincia desde que S. Ex. teve a imprudencia de vir de Corumbá, em occasião que alli grassava esse terrivel mal.

Não é menos certo que em Corumbá, já morreo quem teve de morrer, e hoje se acha mais ou menos todas as cousas em seus eichos.

Ultimamente, segundo nos informão, os snrs. medicos reunirão-se em Palacio e decidiram que a epidemia reinante éra o cholera asiatico, com cuja decisão S. Ex.ª ficou um tanto incommodado, talvez com razão.

Já tivemos occasião de tratar deste assumpto neste periodico, assim como o jornal *A Provincia de Matto Grosso* e o *Espectador*, e todos são contestes em assegurar, baseados nos factos, que a epidemia ou antes, alguns casos que se tem manifestado nesta cidade, isto é, em alguns de seus arredores, são o de cholera esparadico, que segundo o Dr. Chernoviz é molestia que apparece por um ou dois casos isolados, que sobrevenem em qualquer tempo e lugar independentemente da influencia epidemica; caracterizada por vomitos verdes, rosas, dejecções alvinas da mesma natureza &c. &c, molestia menos gravo do que o cholera chamado—asiatico—que ataca ao mesmo tempo grande numero de individuos,

Ora, segundo o que vemos, e os raros casos que se tem dado nos redores desta cidade; conformamos muito que a epidemia seja com effeito o cholera esparadico, se bem que contra esta nossa presumpção se opponhão os homens da sciencia.

Para se distinguir o trigo do joio e conhecer-se que a molestia que hoje está grassando seja a cholera ou cholera esporadico, não é preciso ser profissional; basta só ter-se um pouco de bom senso para achar-se de todo sem fundamento a existencia de uma tal e qual epidemia que devasta uma população inteira em poucos dias, ceifando milhares de vidas.

É este o ponto principal em que firmamos para manifestar a nossa humilde opinião.

Entretanto, força é dizer, releve-nos S. Ex. e os homens da sciencia, que no porto diz se que morreo um individuo de nome Felipe, victima do cholera asiatico, pelo que atearão a casa em que esse finado succumbira.

Pois bem: Si é effectivamente o cholera asiatico que está ceifando algumas existencias, para que mais esse cortão sanitario, e para que estarmos incomunicaveis com os nossos irmãos do Baixo Paraguay, com uma infundada quarentena que só tem por fim prejudicar os interesses do commercio?

O que desejavamos era evitar o contagio de tal molestia, mas se apesar das medidas empregadas para remover-se o mal, elle já está reinando, parece desnecessaria essa incommunicabilidade entre nós e outros pontos do exterior.

Seja como for, S. Ex. parece-nos que não tem muito boa cabeça para administrar e que cada vez mais as cousas se difficil-tão, devidas às medidas inúteis que talvez mal aconselhadas por uns quantos pretenciosos que o cerca, vai dando por paus e por pedras.

Já muita gente diz que em quanto durar a verba de cem contos de reis aberta por S. Ex. para soccorro publico, e que muito mais tem servido para o congraçamento dos desgostosos do partido dominante, aos quaes tem tocado boa pepinadeira, não haverá morte alguma sinão pelo

cholera; e não deixa de ter isto bons fundamentos.

Traçando estas linhas, tomou por fim prestar um serviço a provincia e a S. Ex. porque talvez desvende os olhos para conhecer como deve, que louvores a Deus, desta vez ainda não foi o cholera morbus que nos atacou, e deixar de realizar muitas despesas inúteis, a menos que não queira ser solidario ao rifão popular: o peor cego é aquelle que não quer ver.

Cuyabá, 17 de Janeiro de 1887

VARIEDADE

O cura e o criado.

Dois estudantes que foram aproveitar as férias em uma aldeia resolveram uma noite furtar um d'elles um sacco de nozes de uma taverna, e outro um porco de um rico proprietario, combinando o ponto da reunião no pateo de uma sacristia.

O que devia furtar o porco entendeu lograr o companheiro, levando o animal para a casa, e o outro, fiel à sua palavra dirigiu-se com o sacco de nozes para o lugar combinado, onde começou a partilha.

O cura, que morava perto, tinha por costume mandar accender todas as noites a lampada ao Santissimo, incumbindo-se d'esse serviço o criado.

Dirigindo-se este à igreja, a fim de cumprir as ordens do cura, ouviu, ao entrar na sacristia, o barulho produzido pelo quebramento das nozes, e, sendo muito medroso, deitou a correr, gritando.

Chegando à casa, disse ao cura:

—Ai, senhor, eu não tive coragem de accender a lampada, porque encontrei uma porção de defunctos a roer os ossos uns dos outros.

—Estás maluco, homem?

—Palavra, que vi.

—Si eu não estivesse doente da perna, sempre queria tirar-te essa scisma.

—Lá por isso não: eu levo V. Rymd. às costas.

—Pois, vamos lá.

E lá se foi o cura às costas do criado.

O cura era muito pesado e com aquelle passo o famulo ia gementando.

Ao entrar na sacristia, o estudante, ouvindo o gemido do criado e julgando que era vindo o porco que o companheiro trazia, disse:

—Traz esse maroto, que ainda hoje lhe havemos de comer uma orelha.

O criado ouvindo aquillo atirou o cura ao chão, e este, estando doente de uma perna, ainda à casa chegou primeiro que o servo.

O SACCO DAS NOZES (CONTO POPULAR)

O abbade de uma freguezia costumava fazer a sua pratica aos domingos, e reprehendia os costumes do povo conforme lhe dava geito. De uma vez disse a

—Eu sei que cá na freguezia anda costume de obedecerem os homens as mulheres o que é contra os mandados da escriptura e como diz o outro vivem como em casa de Gonçalo, onde póde mais a galinha do que o gallo. Ora, eu tive este anno muitas nozes no passal, e aqui declaro que dou um sacco cheio dellas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa quem se achar em sua consciencia sem este máo costume póde ir ao passal buscar as nozes.

Estava na igreja um homem casado que era muito ralhão e que tratava a mulher de máo modo e em casa ninguem abria bico diante d'elle; disse para um que estava a sua beira:

—Nozes, já eu tenho e é quem ninguem m'as tira; pelo menos ninguem cá na freguezia m'as tira.

—Chegado o fim da missa, apresentou-se em casa do abbade. —Aqui estou senhor não ha ninguém ali pela freguezia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a de Gonçalo.

—Eu bem sei o teu viver. E pelo que me tem dito levás as nozes.

—Anda cá vem encher o sacco.

—Ohomem entrou e puxou de um sacco meião; diz-lhe o abbade:

—O homem tu não tinhas la outro sacco maior do que esse?

—Tinha sim senhor.

—Então porque não truxeste um sacco bem grande!

—Oh senhor eu trazia mas lá a companheira começou a dizer que era vergonha teimou que trouxesse um mais maneirinho..

—Ah grande tratante despeja-me já essas nozes que não levás daqui nada. —Anda, tudo, tudo e põe-te já no olho da rua.

—Ohomem foi-se arrebellado por-lhe ter fugido a lingua para a verdade.

Theophilo Braga.

CAMPO LIVRE

Segundó somos informado o Doutor Barros, Secretario do Governo, que estava na povoação do Capão do Piquy tratando dos infelizes Cholericos fôra tam bem atacado do mal, e que em estado ainda convalescente teve ordem de regressar a esta Cidade representando contra o actô á S. Ex.ª o Snr. Presidente da Provincia alguns dos moradores do 2º Districto.

Consta nos que S. Ex.ª attendeo a reclamação estabelecendo uma quarentena de trez dias á fim do Dr. Barros effectuar a sua entrada nesta Cidade. Achemos pouco o tempo marcado, porque se aos que ainda não soffreram do mal se tem procedido com todo rigor não se consentindo que ultrapasse as raias do cordão sanitário com maior força

de razão não se deve permittir a entrada do Doutor Barros ainda em estado de convalescente, embora seja S.S. o Secretario do Governo. Quando se tracta de medida de segurança publica cessão os privilegios. Sirva de exemplo o q' aconteceu em caso identico com um dos Principes da casa reinante de Portugal.

Pedimos pois, a S. Ex.ª o Senr. Presidente da Provincia e ao Snr. Doutor Inspector da hygie-ne publica em nome da população que evite o mal quanto for possivel, pois não se deve conceder ingresso ao Dr. Barros em quanto a epidemia não estiver extincta e não for o dito Doutor julgado completamente são.

A caridade.

QUE MANIA DE POVO.

Dizem por ali que dos cem mil homens que S. Ex.ª mandou acampar sob sua responsabilidade nos cofres da Thesouraria de Fazenda, já tem perecido fulminados pelo cholera morbus, mais de 40 mil homens. Sôa!

Que rasora em tão curto espaço de tempo!

E o bonito é que ella protesta pelo resto existente e ainda mais algum se bem aconselharem S. Ex.ª mandar para alli; e, depois que extinguir todo esse pessoal, o cholera se despedirá servindo-se do seguinte antigo ditado francez: —*point d'argent, point de Suisse.*

E como ficará a pobre mãe patria agonizada e inconsolavel com tantos golpes no seio só da sua familia!

Acha-se entre nós, depois de mais de 15 dias de ausencia, o medico civil Dr. João Carlos Muniz, que, segundo ouvimos dizer offerecera a quantia de um conto de reis para auxiliar ás despesas de soccorro publico, e se-

us serviços pessoas como facultativo.

Os arrependidos são os que se salvam. O Sar. Dr. Maniz, depois de fazer um fiasco destes pretos, reflectiu melhor o procedimento que pôz em pratica, e agora o remediou perfeitamente, fazendo a generosa offerta de um conto de reis e seus serviços pessoas!

Louvamos S. S.ª pelo acto generoso e humanitario que acaba de prestar, tornando-se por isso merecedor da estima, e consideração publica, mas, o que S. S. fez antes e o juizo que fizemos á respeito, está feito—, se bem que contamos com a luminosa defeza que será apresentada por S. S. justificando ser necessario levar a familia para o interior por circunstancias alheias a sua vontade.

A QUEM COMPETIR

Como é que tendo havido repetidos dias sem que a machina hydraulica nas desse agua, e ainda assim faz-se a cobrança integral das mensalidades dos que possuem pena d'agua?

Pois além dessa cobrança illegal ainda poderão ameaçar de cortar a pena d'aquelles que a dita cobrança se oppõe?

Ora isto é um absurdo só digno do tempo actual!

Os proprietarios das penas.

S. D. PARTICULAR

UNIÃO MILITAR.

Espectaculo á 22 do corrente; previne-se aos snrs. socios que as cadeiras só sahirão no dia 23 das 7 ás 10 horas da manhã.

Cuyabá, 20 de Janeiro de 1887.

O 1.º secretario,

M. M. Varella.

Typ d'A TRIBUNA. Rua DO US DE DEZEMBRO N.º...